

# Crise financeira freia crescimento da classe C

Grupo de famílias representa 53,58% da população

Pedro Souza

A crise financeira mundial abalou diversos países, porém o Brasil conteve os maiores efeitos com políticas econômicas que fortaleceram o mercado interno. Mas a classe média não escapou da "tsunami" econômica e teve seu crescimento paralisado em 2009, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Porto Alegre.

Conforme a pesquisa *Pequena Grande Década: Crise, Cendrios e a Nova Classe Média*, publicada ontem pelo CPS/FGV (Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas), a classe C, que compreende famílias com renda mensal entre R\$ 1.100 a R\$ 4.800, representava 53,58% da população do recorte, em dezembro de 2009. O resultado exhibe queda diante do mesmo período de 2008, que era de 53,81%.

Para o coordenador do CPS/FGV e da pesquisa, Marcelo Cortes Neri, o índice foi positivo pois não houve queda relevante na participação. "Houve um empate técnico", brinca. Porém ele destaca que a



Fonte: CPS/FGV

Agência/Editoria de Arte

freada foi brusca se comparada ao crescimento de 25% da classe C entre 2003 e 2008. "A crise não derrubou a participação da classe média, mas sim paralisou", completa.

A base do estudo é a PME/IBGE (Pesquisa Mensal do Emprego do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Neri diz que é possível, com pequena margem de erro, considerar o resultado como nacional.

A última queda ocorreu em dezembro de 2005, quando o indicador bateu a mar-

ca de 46,72%, contra 47,57% registrado no mesmo mês do ano anterior.

## MÉDIA ALTA

A classe AB, com renda familiar acima de R\$ 4,8 mil, apresentou a maior participação registrada em dezembro, com 15,63% da população. Mas esse resultado se mostra abaixo do ápice ocorrido em agosto de 2008, com 15,72%.

Mesmo que as classes A, B e C não tenham apresentado suas maiores participações

na população, o grupo formado pela soma delas, chamado de classe ABC, teve o melhor resultado histórico, com 69,21%.

Neri afirma que este resultado é positivo após a temporada de crise que iniciou em setembro de 2008, com a quebra do banco norte-americano Lehman Brothers. "Isso porque o grupo classe ABC aumentou enquanto a representatividade da classe E diminuiu", diz.

No último mês de 2009, a classe D representava 13,37%, e a classe E, na qual as famílias possuem renda de até R\$ 804, 17,42%. Ambas apresentam redução de 2002 para 2009.▲

**Participação da faixa E apresenta queda entre os anos de 2002 e 2009**